

Coro e Orquestra Gulbenkian

Giancarlo Guerrero



02 + 03 mai 2019

Orquestra Gulbenkian

02 MAIO
QUINTA

21:00 — *Grande Auditório*

03 MAIO
SEXTA

19:00 — *Grande Auditório*

Coro Gulbenkian
Orquestra Gulbenkian
Giancarlo Guerrero Maestro
Idwer Álvarez Tenor
Juantomás Martínez Yépez Barítono
Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Dietrich Buxtehude

Chaconne em Mi menor, BuxWV 160
(orquestração de Carlos Chávez)

Claude Debussy

Ibéria

Par les rues et les chemins
Les parfums de la nuit
Le matin d'un jour de fête

INTERVALO

Antonio Estévez

Cantata Criolla

Lento e cadencioso
Lento, Tenebroso
Allegro vivo: "El Duelo"

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Duração total prevista: c. 1h 30 min.
Intervalo de 20 min.

Dietrich Buxtehude

?Odesloe, c. 1637
Lübeck, 9 de maio de 1707

Chaconne em Mi menor, BuxWV 160

Orquestração de Carlos Chávez (1899-1978)
COMPOSIÇÃO: c. 1690 / 1937 (Chávez)
DURAÇÃO: c. 7 min.

No século XX, o período Entre Guerras deu um grande impulso à música antiga. O interesse pela música do passado foi fundamental nas correntes modernistas da época, bem como a recuperação de instrumentos e de repertórios anteriores a Johann Sebastian Bach. Nesse contexto, compositores transcreveram e arranjaram peças musicais do Barroco, utilizando os meios ao seu dispor. Por um lado, a orquestra sinfônica permitia uma paleta alargada de timbres, diferente do que estava disponível para os compositores nos séculos XVII e XVIII. Por outro, o surgimento da gravação elétrica, desenvolvida no final da década de 1920, permitiu que esse agrupamento fosse mais bem captado e ouvido. Tal como Carlos Chávez, um destacado compositor, promotor musical e maestro mexicano, alguns músicos aproveitaram essas tendências para divulgar música do passado. A partir da década de 20, Chávez deslocou-se frequentemente aos Estados Unidos da América, onde contactou com essas tendências. Em 1937 adaptou para orquestra esta *Chaconne* de Buxtehude, uma obra para órgão do Barroco alemão. A peça foi estreada a 27 de setembro desse ano pela Orquestra Sinfônica do México, instituição da qual Chávez foi membro fundador.

Dietrich Buxtehude foi um compositor importante do Barroco. Foi principalmente na Marienkirche, situada na cidade alemã de Lübeck, que a sua carreira como compositor e organista se desenvolveu. A *Chaconne*



DIETRICH BUXTEHUDE, NA VIOLA, COM J. A. REINKEN, NO CRAVO, POR JOHANNES VOORHOUT © DR

é um género que consiste em variações sobre um baixo *ostinato* e Buxtehude representa o desenvolvimento norte-alemão do género, com a criação de uma sucessão de secções contrastantes em termos de atmosfera, registo e densidade de vozes. Essa variedade é intensificada pela orquestração de Chávez, que distribuiu as diversas vozes por instrumentos de timbres diferentes, fazendo sobressair a trama contrapontística. Essa individualização enfatiza o contraste entre solos, duos e conjuntos, e emula a escrita para um órgão de vários registos, salientando os contrastes da obra. Dessa forma, a particularização das vozes através do timbre torna a peça mais clara, evidenciando a mestria de Buxtehude, então um compositor ainda a ser redescoberto.

Claude Debussy

Saint-Germain-en-Laye,
22 de agosto de 1862
Paris, 25 de março de 1918

Ibéria

COMPOSIÇÃO: 1905-1908
ESTREIA: Paris, 20 de fevereiro de 1910
DURAÇÃO: c. 20 min.

Espanha ocupa um lugar importante no imaginário francês. É, simultaneamente, um país vizinho e um “outro” exótico que inspirou as mais variadas obras de arte em França. Paralelamente, a presença de artistas espanhóis em Paris refletiu as trocas culturais entre os dois países. Por exemplo, a suite *Ibéria*, composta por Isaac Albéniz, foi estreada na íntegra em diversos concertos em França. Assim, uma das obras mais representativas do pianismo espanhol foi apresentada, em primeira mão, ao público francês. *Ibéria*, de Debussy, pertence ao conjunto das *Images* para orquestra, compostas entre 1905 e 1912. Inicialmente pensado para dois pianos, esse tríptico foi das últimas obras orquestrais do compositor. *Ibéria* é a segunda das *Images*, sendo apresentada independentemente com frequência, o que revela a sua popularidade. A obra foi estreada a 20 de fevereiro de 1910 pela orquestra dos *Concerts Colonne*, um importante veículo de apresentação de música nova naquela altura, sob a direção de Gabriel Pierné. *Ibéria* encontra-se dividida em três secções: “Pelas ruas e pelos caminhos,” “Os perfumes da noite” e “A manhã de um dia de festa.” A primeira secção tem um início vivo, animado e festivo, recorrendo às castanholas para representar o contexto local. Uma melodia principal emerge, interagindo com diversos planos sonoros que se sucedem e sobrepõem. Os solos virtuosísticos e o contraste entre secções líricas e momentos ritmicamente

pulsantes são uma constante. A peça retorna à atmosfera do início, com o regresso da melodia principal sendo apresentada em diversos instrumentos até ao diminuendo final. A calma pontifica em “Os perfumes da noite,” um subtil ritmo de *habanera* ao qual se vão sobrepondo melodias *cantabile*. O modalismo e a desfuncionalização harmónica contribuem para o estatismo da secção, um interlúdio ondulante entre duas secções vivas. O contexto festivo é evocado em “A manhã de um dia de festa.” Uma marcha distante aproxima-se progressivamente, tornando-se mais sonora e tumultuosa, numa sobreposição de arabescos. Os toques dos sinos e as castanholas pontuam uma parte movimentada, em que a irregularidade rítmica traduz os excessos da festa, conduzindo a uma conclusão de grande intensidade.

CLAUDE DEBUSSY, C. 1910 © DR





Antonio Estévez

Calabozo, 3 de janeiro de 1916
Caracas, 26 de novembro de 1988

Cantata Criolla

COMPOSIÇÃO: 1954

ESTREIA: Caracas, 25 de julho de 1954

DURAÇÃO: c. 35 min.

Um elemento fundamental na criação contemporânea das Américas é a cultura popular, usada como forma de diferenciação de outros modernismos. Inspirando-se no património do seu país, os artistas misturaram-no com práticas cosmopolitas, criando uma abordagem que cruza o erudito e o popular. A *Cantata Criolla*, escrita pelo compositor venezuelano Antonio Estévez é disso um bom exemplo. Após alguma formação na Venezuela, Estévez viveu nos Estados Unidos da América entre 1945 e 1949, onde frequentou a Universidade de Columbia, em Nova Iorque, e o Festival de Música e Artes de Tanglewood, Massachusetts. Estudou e contactou com compositores e maestros como Leonard Bernstein e escreveu as suas primeiras obras significativas, inspiradas na música venezuelana, mas com forte influência estilística de Igor Stravinsky. Regressado ao seu país natal, empenhou-se na composição da *Cantata Criolla*, obra que rapidamente integrou os programas das salas de concertos, representando o espírito venezuelano. O romanceiro tradicional é a principal inspiração da obra, que evoca os *llanos*, regiões dedicadas à agricultura e bovinicultura situadas entre a Venezuela e a Colômbia. A sua narrativa é baseada no poema *Florentino el que cantó con el Diablo*, de Alberto Arvelo Torrealba. Publicado em 1940, o texto emula a poesia popular da

região e narra um desafio entre Florentino, um cantor repentista (improvisador associado ao cancionero tradicional sul-americano) e o Diabo. Assim, é visitado um tropo da literatura de cordel, em que um artista popular, detentor da tradição oral de um povo, enfrenta o Diabo, numa narrativa que representa a oposição entre o Bem e o Mal. De forma a enfatizar o elemento popular, a história é contada através de elementos que remetem para esse universo, em particular a estilização do *joropo*, a música tradicional dos *llanos*. Como estratégia dramática, Estévez incluiu dois cantores solistas que dão voz aos personagens, e uma orquestra alargada que inclui o piano e instrumentos tradicionais da região. Paralelamente, Estévez atribuiu um papel destacado à harpa, o que se encontra relacionado com o facto de o instrumento ter sido introduzido pelos europeus e adaptado pelos americanos às novas práticas musicais resultantes da miscigenação, transformando-se num símbolo nacional. A *Cantata Criolla* encontra-se dividida em três andamentos e começa com uma fanfarra que precede a apresentação de fragmentos do material temático que reaparecem em diversos pontos da peça, funcionando como *leitmotive* da obra. Entre eles, encontram-se fragmentos do *Dies Irae*, uma melodia de cantochão cantada no Ofício de Defuntos, a qual é associada ao Diabo e introduzida sob diversas formas ao longo da



FLORENTINO E O DIABO, PARQUE LAS MALOCAS, COLÔMBIA © DR

peça. No primeiro andamento, é apresentado o repentista Florentino, um personagem solitário dos *llanos*, que encontra o estranho cavaleiro que o desafia para um despique. O coro faz a sua entrada em homorritmia, por vezes com ritmos assimétricos e percussivos, num ambiente cuja tensão se intensifica através da sobreposição de curtos *ostinati* dissonantes sobre ritmos populares. Os jogos de pergunta-resposta entre o coro e agrupamentos de instrumentos de sopro preparam a entrada do Diabo em cena e Florentino faz a sua aparição quase no final do andamento, após nova intervenção do coro. O segundo andamento narra a preparação para o embate, transmitindo-nos uma sensação de mistério. A repetição de curtos motivos modais e no registo grave contribui para estabelecer uma sensação de calma e tensão em simultâneo, criando suspense para o final mais agitado.

À medida que a narrativa se intensifica e a tensão se acumula, com cordas em constante *tremolo*, um clímax do *tutti* antecipa a entrada do coro. A atmosfera é subitamente transformada pela entrada da harpa e da percussão, uma representação da música tradicional, apesar do coro manter a textura inicial, tornando-se mais percussivo no final do andamento. A peça termina com o duelo, um andamento vivo em textura de *joropo*. Aqui, os solistas trocam estrofes improvisadas sobre uma dança popular, interpolando a melodia do *Dies Irae* com passagens contrastantes em que pontificam a harpa e a percussão tradicional. A cantata termina com uma invocação de Florentino aos santos e à Santíssima Trindade, a qual é repetida pelo coro de forma mais intensa.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Giancarlo Guerrero

Maestro



© KURT HEINECKE

O maestro Giancarlo Guerrero estudou percussão e direção de orquestra nas Universidades Baylor e Northwestern (Texas). Ao longo da sua carreira, foi distinguido com seis prémios *Grammy*. Cumpre atualmente a décima temporada como Diretor Musical da Orquestra Sinfónica de Nashville. É também Diretor Musical da Filarmónica de Wrocław, na Polónia, e o atual Maestro Convidado Principal da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é um convidado regular das grandes orquestras norte-americanas, incluindo as de Baltimore, Boston, Cincinnati, Cleveland, Detroit, Houston, Indianápolis, Montreal, Seattle, Toronto, Vancouver, Filadélfia, Washington DC (National Symphony) e Los Angeles. Têm sido também muito bem recebidas as suas regulares apresentações na Europa, à frente de orquestras como a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Filarmónica de Bruxelas, a Deutsche Radio Philharmonie, a Filarmónica da Radio France, a Residentie Orkest, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica de Nice ou a Filarmónica de

Londres. Estreou várias obras de compositores contemporâneos, incluindo John Adams, John Corigliano, Osvaldo Golijov, Jennifer Higdon, Michael Daugherty, Roberto Sierra, Richard Danielpour, Béla Fleck e Jonathan Leshnoff. No domínio da ópera, dirigiu produções de *Carmen*, *La bohème* e *Rigoletto*, na Ópera Lírica da Costa Rica. Em 2008 dirigiu a estreia australiana da ópera de câmara *Ainadamar*, de Osvaldo Golijov, no Festival de Adelaide. Estreou-se na Ópera de Houston em 2015, tendo então dirigido *Madama Butterfly* de Puccini. Os seus compromissos na presente temporada incluem, entre outras, novas atuações à frente das Sinfónicas de Dallas e Chicago, da Sinfónica NDR de Hanôver, da Sinfónica de São Paulo e da Sinfónica da Galiza. Giancarlo Guerrero dedica-se também com entusiasmo às orquestras de jovens, colaborando com o Curtis Institute of Music (Filadélfia), a Colburn School (Los Angeles) e a Yale Philharmonia. Desenvolveu também uma relação de proximidade com a National Youth Orchestra, em Nova Iorque, tutelada pelo Weill Music Institute of Carnegie Hall.

Idwer Álvarez

Tenor



Natural de Caracas, Idwer Álvarez estudou música e canto na Venezuela e estreou-se profissionalmente em 1980. É um convidado frequente de orquestras venezuelanas e estrangeiras, interpretando um vasto repertório vocal de concerto que inclui, entre outras obras: Fantasia Coral, *Cristo no Monte das Oliveiras*, Missa em Dó Maior e Sinfonia n.º 9 de Beethoven; *Vesperae solennes de confessore*, *Missa Solemnis*, “Missa da Coroação” e *Requiem* de Mozart; *Nelsonmesse*, *Theresienmesse*, *Harmoniemesse* e *A Criação* de J. Haydn; *Stabat Mater* de Dvořák; *Elias* de Mendelssohn; *Messias* de Händel, *Jeanne d’Arc au bûcher* de Honegger; *Serenade* e *Les Illuminations* de Britten; Sinfonia n.º 7, *Dies Irae*, *Te Deum* e *Credo* de Penderecki. O seu repertório inclui a música contemporânea latino-americana, bem como a ópera. Interpretou personagens principais e secundários em *L’incoronazione di Poppea* de Monteverdi, *As bodas de Figaro* de Mozart; *L’elisir d’amore* e *Lucia di Lammermoor* de Donizetti, *La traviata*, *Rigoletto*, *Aida*, *Macbeth* e *Falstaff* de Verdi, *Madama Butterfly*, *Tosca* e *Turandot* de Puccini, sob a direção de

maestros de renome como S. Rattle, C. Abbado, G. Sinopli, K. Penderecki, H. Rilling, D. Russel Davies, G. Dudamel ou C. Prieto. Idwer Álvarez estreou-se como Florentino, na *Cantata Criolla* de Antonio Estévez, em 1987. Desde então, voltou a interpretar este papel mais de 160 vezes, tanto na Venezuela como na Europa e nas Américas, incluindo o Carnegie Hall de Nova Iorque em 1994, a convite da American Composers Orchestra, e em 2012, com a Sinfónica Simón Bolívar e Gustavo Dudamel. Em 2015 cantou de novo a *Cantata Criolla* em São Paulo, no Brasil, no Teatro alla Scala de Milão e no Bach Festival of Winter Park, em Orlando (Florida), em 2016 no Hult Center for the Performing Arts, em Eugene (Oregon), e no Palácio das Belas Artes da Cidade do México, e em 2018 com a Sinfónica Juvenil do Perú e o Coro Nacional do Perú, sob a direção de Pablo Sabát. Desde 2010 reparte a sua carreira artística com a docência. É “Mestre de Canto Lírico, Interpretação e Estilo” no Conservatório Simón Bolívar, escola pertencente ao Sistema Nacional de Coros e Orquestras Infantis e Juvenis da Venezuela.

Juantomás Martínez Yépez

Barítono



Juantomás Martínez Yépez nasceu em Carora, na Venezuela. Iniciou a sua formação vocal em 1978, com Isabel Palacios, na Escola de Música Juan José Landaeta, em Caracas. Estreou-se em público com a Orquestra Sinfónica Simón Bolívar (*Vesperae solennes de confessore* de Mozart) e em 1983 viajou para os E.U.A. como bolsheiro. Prosseguiu os seus estudos de canto, de clarinete e de direção coral e de orquestra, tendo-se diplomado em 1988 pela University of Wisconsin-Madison. Em 2014 obteve o grau de *Master of Arts* pela University of Central Florida (Orlando). Em 1995 venceu a edição latino-americana do Concurso Internacional de Canto Luciano Pavarotti, obtendo o acesso à final em Filadélfia. Desde então, percorreu uma longa carreira internacional que incluiu ópera, zarzuela, teatro musical, oratória e recitais. No domínio da ópera, atuou em muitos países, incluindo Perú, Equador, El Salvador, Porto Rico, Colômbia, Venezuela, República Dominicana, E.U.A., Espanha, Portugal, França, Alemanha, Itália, Bélgica, Roménia, Bulgária e Coreia do Sul. Juantomás Martínez Yépez reside atualmente

em Orlando, na Florida (E.U.A.). O seu diversificado repertório inclui óperas como *La scala di seta* (Germano) de Rossini, *Manon* (Lescaut) de Massenet, *Carmen* (Escamillo) de Bizet, *Simon Boccanegra* de Verdi, ou *L’elisir d’amore* de Donizetti, bem como grandes obras corais e coral-sinfónicas como a 9.ª Sinfonia de Beethoven ou a Cantata n.º 82, *Ich habe genug*, de J. S. Bach. Mais recentemente cantou *Werther*, de Massenet, no Palácio dos Festivais, em Santander, *El retablo de maese Pedro*, de Falla, em Roterão, *Carmina Burana*, de Orff, em San Sebastián, um “Concerto Lírico” em Las Palmas de Gran Canaria, *Rigoletto*, de Verdi, na Venezuela (direção cénica de Aquiles Machado) e *Madama Butterfly* (Sharpless), de Puccini, numa digressão em Espanha. Foi muito elogiado pela crítica na 7.ª edição do Festival Internacional de Música da Galiza, onde interpretou o papel de Roque na ópera espanhola *Marina*, de Emilio Arrieta. Ainda em Espanha, cantou *Don Pasquale* (Malatesta), de Donizetti, em Irún, *Pelagio*, de Mercadante, no Teatro Jovellanos de Gijón, e *La bohème* (Marcello), de Puccini, no Palácio dos Festivais, em Santander.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a *cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht,

Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

© G.M. MÁRCIA LESSA

Michel Corboz Maestro Titular

Jorge Matta Maestro Adjunto

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Caramelo
Ana Raquel Sousa
Ariana Russo
Beatriz Ventura
Carla Frias
Cecília Rodrigues
Claire Santos
Cristina Ferreira
Filomena Oliveira
Inês Lopes
Lucilia de Jesus
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Mariana Moldão
Mariana Rodrigues
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Sara Afonso
Susana Duarte
Tânia Viegas
Teresa Duarte

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Fátima Nunes
Helena Rodrigues
Inês Martins
Joana Nascimento
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Maria Forjaz Serra
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares

TENORES

Artur Afonso
Bruno Sales
Francisco Cortes

Frederico Projecto
Gerson Coelho
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Barros
João Custódio
João Pedro Afonso
Jorge Leiria
Miguel Silva
Nuno Fonseca
Nuno Raimundo
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão
Tiago Sousa

BAIXOS

Fernando Gomes
Filipe Leal
Francisco Reis
João Costa
João Luís Ferreira
Jorge Ramos
José Bruto da Costa
José Damas
Luís Neiva
Mário Almeida
Miguel Carvalho
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Casanova
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho, Marta Andrade,
Joaquina Santos, Fábio Cachão



Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© GW MÁRCIA LESSA



Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Jun Iwasaki *Concertino Principal* *
Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
Tomás Costa *
Anna Paliwoda *
Mafalda Rodrigues *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Sara Llano *
Flávia Marques *
Félix Duarte *
Miguel Simões *
Rui Cristão *
David Ascensão *
Ana Sousa *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Paul Tulloch *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*

Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Pedro Afonso Silva *
Jaime Pollo *
Nelson Ferreira *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos *
Vladimir Kouznetsov *
Pedro Barbosa *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*
António Nuez *2º Solista* *
Ana Filipa Lima *2º Solista* *

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo
Rui Martins *2º Solista* *

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*
Miguel Diaz *2º Solista* *

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*

Darcy Edmundson-Andrade
2º Solista
Nelson Silva *2º Solista* *

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
Carlos Leite *1º Solista Auxiliar* *
David Burt *2º Solista*
Jorge Pereira *2º Solista* *

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista* *
Paulo Alves *2º Solista* *

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
Renato Peneda *2º Solista* *
Duarte Santos *2º Solista* *
Janaína Sá *2º Solista* *
Rúben Zuñiga *2º Solista* *

PIANO
Bernardo Marques *1º Solista* *

HARPA
Carolina Coimbra *1º Solista* *
Ana Castanhito *2º Solista* *

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins, Marta Andrade,
Raquel Serra, Guilherme Baptista
Fábio Cachão

12 maio

Concertos de Domingo

Florestas Silenciosas

 GULBENKIAN
MÚSICA

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
CORP.

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA

MECENAS
CICLO PIANO

pwc



MECENAS
CORO GULBENKIAN

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

 BPI

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

THE 8

PRECISO COMO UM MAESTRO.
POTENTE COMO UMA ORQUESTRA.



BAYERISCHE MOTOREN WERKE

Consumo de combustível combinado de 5,9 a 6,2 l/100 km.
Emissões de CO₂ combinadas de 154 a 164 g/km.

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
700 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Maio 2019

